

NOTA DOS EDITORES

Iniciamos o número 42 da Revista Antropolítica com o dossiê Etnografia digital, organizado pelos professores Jair Ramos de Souza (UFF) e Eliane Tânia de Freitas (UFRN). É composto por seis artigos que apresentam “investigações acerca dos modos pelos quais as tecnologias digitais de processamento de dados, nas suas várias formas de hardware e de software, fazem parte, cada vez mais, da produção de relações e ações sociotécnicas que atravessam uma parcela considerável da existência quotidiana contemporânea”. Esta iniciativa busca consolidar o trabalho realizado por pesquisadores que vêm se reunindo, sistematicamente, nos encontros da área de Antropologia (RAM, RBA, REA).

Carolina Parreira apresenta em seu artigo a pornografia alternativa (*altporn*), tipo de produção pornográfica que se utiliza das tecnologias digitais, a *netporn*, com pesquisa realizada junto a uma produtora do gênero no Brasil. Débora Leitão e Laura Graziela Gomes contribuem com uma reflexão metodológica sobre a cibercultura no Brasil. Embora a bibliografia internacional realize este tipo de esforço, temos aqui uma reflexão acurada sobre a temática. Lucia Scalco e Marco Ribeiro apresentam processos de inclusão digital que se realizam por intermédio de redes colaborativas tecidas nas relações de vizinhança e por meio de iniciativas individuais. Neste sentido, apresentam-se as ambiguidades presentes na sociedade brasileira entre o legal e o ilegal, o público e o privado em arranjos singulares. O artigo de Marcelo Castañeda se debruça sobre o instrumento de ação coletiva na internet conhecido por meio da ferramenta digital Avaaz. Oriana Diaz debate as formas de ação dos migrantes senegaleses murids, com o auxílio de ferramentas digitais como o WhatsApp, “para desenvolver formas de ação, interação e participação públicas e, assim, difundir saberes e valores religiosos da confraria islâmica sufi senegalesa, a Muridiyya”. Por fim, Tania Freitas debate a utilização da categoria “linchamento virtual” no ambiente das redes sociais com práticas como o assédio, a exposição não consentida de privacidade, a humilhação e o *shaming*.

Em seguida, segue a seção “Artigos”, composta por artigos submetidos à Revista Antropolítica em fluxo contínuo e que foram avaliados por pareceristas externos e às cegas. Luciana Gonçalves de Carvalho nos apresenta o conflito entre os balateiros da Calha Norte, no estado do Pará, e os órgãos gestores de uma floresta pública na Amazônia. A autora flagra a juridicização das relações e das formas de organização coletiva para exercer, no novo cenário, um trabalho tradicional por parte de atores sociais, anteriormente esquecidos e invisibilizados. Simultaneamente podemos ver os meandros e as dificuldades práticas na implementação de leis ambientais naquela localidade paraense. Christina Vital da Cunha, em seu artigo “‘Televisão para salvar’: Religião, mídia e democracia no Brasil Contemporâneo”, expõe uma acurada análise sobre a presença institucional das chamadas religiões evangélicas em distintas mídias na sociedade brasileira. Utilizando-se de entrevistas com políticos evangélicos e dados quantitativos, a pesquisadora reflete sobre os significados atribuídos por estes a esta ocupação midiática e de suas estratégias de ocultação do religioso nas disputas que enfrentam. Em “Associativismo juvenil e mediação política: As torcidas organizadas de futebol no Brasil e a construção de suas arenas públicas através da FTORJ e da ANATORG”, Bernardo Buarque de Hollanda e Rosana da Câmara Teixeira nos apresentam uma perspectiva analítica na qual não se privilegia a violência das torcidas organizadas, mas se joga luzes na cooperação futebolística e no associativismo juvenil no Brasil. Centrando o olhar nas lideranças e entidades envolvidas no caso, a FTORJ e a ANATORG, os autores sublinham o papel de mediação política aqui presente. Por fim, Leila Saraiva Pantoja, em “Do Estado e outros demônios: reflexões sobre a relação entre o Estado – Movimento Passe Livre à partir de uma arma apontada à cabeça”, se apropria de uma abordagem policial vivenciada por ela na periferia de Brasília para refletir, etnograficamente, sobre as relações entre o Estado e os movimentos sociais. Apresenta, assim, uma exposição da vocação autorreflexiva da disciplina antropológica. George E. Bisharat apresenta em seu artigo uma análise da atuação do Estado de Israel com sua política de utilização da “lei contra o povo” nos tribunais contra os ativistas por direitos civis.

Na seção Olhares Cruzados, publicamos o artigo “Mobilizações de combate à discriminação em Paris e a construção de uma questão pública racismo na França”, de Yolanda Graffé Ribeiro, sobre sua experiência de estágio sanduíche na França, em ocasião da realização do seu doutorado no âmbito do PPGA/UFF. Nessa oportunidade, a autora apresenta uma discussão sobre a confecção de arenas públicas antirracistas e de uma questão pública acerca do racismo a partir da etnografia realizada na cidade de Paris, na França.

Na seção Trajetórias e Perspectivas temos o artigo “Sobre permanências e transformações em contextos acadêmico-institucionais: um relato pessoal”, da antropóloga Simoni Lahud Guedes, que nos brinda com um brilhante exercício de autorreflexão, originalmente apresentado como Memorial, para seu acesso à classe de Professora Titular do Departamento de Antropologia da UFF em 2016. Trata-se de material de extrema singularidade, apresentando uma trajetória das mais significativas na Antropologia e nas Ciências Sociais, de modo geral.

Para finalizar, publicamos duas resenhas nesta edição 42. Uma apresentada por Carlos Abraão Moura Valpassos sobre o livro organizado por Celso Castro, *Cultura e Personalidade – Margaret Mead – Ruth Benedict – Edward Sapir*, publicado em 2015; na outra, assinada por Betânia Muller, temos uma análise do livro *A República dos meninos: juventude, tráfico e virtude*, de autoria de Diogo Lyra, publicado em 2013.

A foto de capa desta edição é de autoria de Lucia Scalco e ilustra o dossiê organizado por Jair Ramos e Eliane Tânia de Freitas.

Continuamos a receber submissões de interesse para a área das Ciências Sociais, em regime de fluxo contínuo. As submissões podem ser encaminhadas por meio do site <http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica>, no qual podem ser encontradas as normas de publicação e outras informações. Mantemos o nosso e-mail (antropoliticauff@gmail.com) para contato. No site também estão disponíveis os demais números da revista (<http://www.uff.br/antropolitica/antropolitanumeros.html>).